

ENTRE PROJETOS LITERÁRIOS E POLÍTICOS: A literatura de Gonçalves Dias e a identidade brasileira

Marcia de Almeida Gonçalves¹
Andréa Camila de Faria²

Digo que sou Poeta e Doido, mas doido que não tem manias de meter mêmô,
e poeta que não é de todo esquecido; a prova de que sou doido é que sou um
sem cuidados, e a prova de que sou Poeta é que estou no Rio. Isto quer dizer
que um Poeta *sem cuidados* é igual a um doido com *muitos cuidados*. (DIAS
apud CORRESPONDENCIA, 1964, p.56)

Como nos mostra Marco Morel, as ruas da capital imperial eram, em meados do século XIX no Brasil, *locus* privilegiado do fazer político, mesmo para aqueles que não interferiam diretamente nas decisões do poder. Em suas palavras, “as ruas da Cidade-Corte eram a cena de poder, ponto essencial para a organização da nacionalidade que se elaborava” (MOREL, 2005, p. 165-166). Nesse sentido havia, ainda segundo Morel, por um lado, um movimento de expansão do centro sobre as periferias nacionais, mas por outro, um movimento contrário, de ocupação dos espaços públicos do centro do Império por agentes oriundos das províncias. Neste último caso, eles poderiam atuar como intermediários, trazendo demandas de seus locais de origem e também agindo como elos da centralização homogeneizadora nacional (MOREL, 2005, p. 174).

Fosse como fosse, o Rio de Janeiro apresentava-se como o destino de todos aqueles que desejavam construir um nome de alcance nacional, tanto nas letras quanto na política, e com o maranhense Antonio Gonçalves Dias não foi diferente, tanto é que, já em 1846, pouco tempo depois de sua chegada à corte, comentara em carta com sua comadre, Maria Luiza Leal Vale, esposa de seu melhor amigo, o também maranhense Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, que a prova de que era poeta era que estava no Rio, afinal qual o melhor lugar para “fazer brilhar sua estrela” do que o centro de efervescência cultural do Império?

Sua ida para a corte era ao mesmo tempo a busca pela concretização de seus projetos literários e por uma colocação na administração pública. Todavia, se, por um lado, para este último objetivo valia-se de toda forma de influencia possibilitada por sua rede de sociabilidade, contando inclusive com cartas de recomendação, por outro, para consolidar-se

¹Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta do IFCH-UERJ. Coordenadora do projeto “História de Gênios e Heróis: indivíduo e nação no romantismo brasileiro” financiado pelo Programa Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro da FAPERJ e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades (NUBHES).

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Treinamento e Capacitação Técnica FAPERJ no Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividades (NUBHES).

como poeta, mostrava-se orgulhoso e buscava resguardar sua imagem e sua obra de qualquer tipo de associação com o mundo da política. Sobre seu projeto de ser o maior poeta do Brasil, dizia ele a Teófilo em carta de 1847, pouco após a publicação de seus *Primeiros Cantos*³:

Todos sem exceção hão de confessar que o Magalhães terá sido grande cousa, mas que eu nem lhe sou discípulo, nem inferior. Todo meu empenho, digo-te muito em segredo e todo cheio de vergonha, é ser o Primeiro Poeta no Brasil, e, se houver tempo, o primeiro literato. Creio que é nobre ambição – emprego somente vigílias e estudos: não usei, e creio que já agora não me será preciso usar da intriga. Acredita ou não. Não conheço, nem sequer de vista, um só dos que têm escrito a meu respeito: não consentí que um só dos meus amigos me elogiasse; e nos anúncios fui tão conciso e tão parco deles que mais não podia ser. (DIAS apud PEREIRA, 1943, p. 85)

Mas se ser o “Primeiro Poeta do Brasil” era seu projeto, ainda que secreto, como ele diz ao amigo, Gonçalves Dias precisava lançar as bases para que esse projeto se concretizasse. Estabelecer o campo de possibilidades que o permitiria alcançar esse objetivo.

Para o antropólogo Gilberto Velho, o *projeto* deve ser entendido como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas e o *campo de possibilidades* como uma dimensão sociocultural, um espaço para formulação e implementação de projetos, tendo em mente que os projetos, assim como as pessoas, mudam, ou antes, que as pessoas mudam através de seus projetos. Em suas palavras,

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*. (VELHO, 1994, p. 47)

Para alcançar uma colocação na administração imperial, o maranhense Antonio Gonçalves Dias fora para o Rio de Janeiro, como apontamos, portando três cartas de recomendação, na esperança de que elas lhe abrissem portas na Corte. Estas lhe haviam sido oferecidas por José Mamede Alves Ferreira e José Joaquim Ferreira Vale. Ambos haviam sido seus condiscípulos em Coimbra e estavam vivendo a essa época em Pernambuco, sendo que Mamede depois de formado em engenharia estabelecera-se no Recife onde sua família tinha influência política.

As tais cartas de recomendação, cujos conteúdos infelizmente nos são desconhecidos, não surtiram o efeito esperado e o jovem poeta parecia desacreditar que elas pudesse lhe auxiliar de alguma maneira, como podemos depreender de seu comentário em carta a Teófilo

³ A vem à luz no início de 1847 mas com data publicação de 1846.

em 27 de agosto de 1846: “Perguntas-me como fui recebido?! – bem; cartas de recomendação não servem se não de apoimentação; e fazer e receber visitas – nada mais. Ora eu tenho mais que fazer” (DIAS apud CORRESPONDENCIA, 1964, p. 47).

Nesse sentido, estamos considerando que o *projeto* de Gonçalves Dias, no sentido de conduta organizada para alcançar o objetivo de se tornar nome de destaque na nascente literatura brasileira, estava inteiramente relacionado a um *campo de possibilidades* diretamente influenciado pelo jogo de influência e atuação de suas sociabilidades. Fora para o Rio de Janeiro portando cartas de recomendação e estas, ainda que não lhe tenham alcançado o objetivo imediato, não lhe garantindo um emprego na administração pública, certamente que o tornaram conhecido na cidade-corte.

Mas, enquanto o emprego público não vinha, ele se dedicava ao segundo objetivo que o trouxera para a Corte, a publicação de seus *Primeiros Cantos*, nesse sentido, vale uma menção à preocupação que demonstrou ao escolher a tipografia onde imprimiu seu primeiro volume de poesias, na tentativa de que o volume viesse à luz resguardado de quaisquer influências políticas.

Como apontado por Marco Morel, ao comentar sobre o desenvolvimento da noção de opinião pública, existia uma relação ambígua entre possíveis assinantes e a imprensa regular na Corte. Segundo ele, ser assinante em uma sociedade onde a imprensa regular era escassa tinha um peso de opção política. Nesse sentido, tornar-se assinante de um periódico poderia levar o leitor a receber acusações de ser faccioso. Por outro lado, os assinantes de jornais governistas podiam beneficiar-se de um sistema de aparências ao se mostrarem como fiéis leitores de publicações vinculadas ao governo (MOREL, 2005, p. 213). Guardadas as devidas proporções, encontramos nessa referência um paralelo com uma situação vivida por Gonçalves Dias quando este buscava uma tipografia onde pudesse realizar a impressão de seus *Primeiros Cantos*. Em carta a Alexandre Teófilo de 1846, ele comenta o fato.

Como sabes, vim de lá com intenção de imprimir o meu volume de Poesias na Imprensa do Inácio; aqui porém me disseram que talvez eu me fôsse criar prevenções contra mim imprimindo a minha primeira obra em uma Imprensa de partido; achei que havia nisto um fundo de razão e desisti do meu proposto. O Serra falou com o Laemmert, e êle prestou-se prontamente – está já no prelo; (...) – tem sofrido alguma demora porque o Laemmert meteu-se agora em imprimir folhinhas. (DIAS apud CORRESPONDENCIA, 1964, pp. 47-48)

Mas se a publicação de seu livro viria a lume resguardada de vinculações políticas, devemos ponderar, por outro lado, que isso não significou a ausência da influência de suas relações sociais no empreendimento. O trecho transcrito aponta que foi por intermédio de

João Duarte Lisboa Serra⁴, o Serra (sic), que Gonçalves Dias chegou ao Laemmert, mas as “ajudas” iriam muito além disso. Segundo ele, um colega de Teófilo no Colégio José Pedro e que fora seu companheiro durante a viagem para o Rio, a quem ele chama apenas de Sousa, comprometera-se em lhe arranjar pelo menos 100 assinaturas para a sua obra em São Paulo. De um tal Emídio, conseguira outras tantas e ele ainda as pedira ao Pedro⁵ e ao Mamede.

Não nos cabe discutir o talento de Gonçalves Dias. Certamente foi pela qualidade de seus versos e inovação no que tange ao desenvolvimento de uma poesia indianista de características tão próprias, que ele foi aclamado como maior poeta do Brasil já após a publicação de seus *Primeiros Cantos*. Mas será que o poeta receberia o mesmo reconhecimento se seus amigos não tivessem se empenhado em divulgar seu trabalho? Será que ele seria tão aclamado se seu livro não tivesse chegado às mãos de Alexandre Herculano, impressionando-o a tal ponto de escrever um artigo exaltando sua poesia e estabelecendo o fim da história literária portuguesa e o nascimento da brasileira? Parece-nos que não. Aliás, no artigo em questão, intitulado *Futuro Literário de Portugal e do Brasil*, publicado por Alexandre Herculano no tomo 7 da *Revista Universal Lisboense*, anos de 1847-1848, o escritor português afirmava que os “Primeiros Cantos” eram “inspiração de um grande poeta” e que o poema *Seus Olhos* eram as composições mais mimosas que já havia lido (HERCULANO in: DIAS, 1998).

Herculano, que a essa época ainda não conhecia o jovem Gonçalves Dias, provavelmente teve acesso à obra através de um dos amigos portugueses do poeta, amigos como Gomes de Amorim que transcreveu o artigo e o enviou para Gonçalves Dias no Rio de Janeiro. Gonçalves Dias o incluiu como prólogo na edição de seus *Cantos*, publicados em 1857, deixando clara a importância que tal “aprovação” possuía para ele.

Nesse sentido, José Henrique de Paula Borralho afirma que

⁴ Trata-se de João Duarte Lisboa Serra, ou simplesmente Serra, como Gonçalves Dias o chamava, era filho de proprietários rurais e assim como Alexandre Teófilo, estudou matemática em Coimbra. Foi, por duas legislaturas (1847 e 1853), deputado-geral pelo Maranhão e exerceu em 1848 o cargo de presidente da província da Bahia, ainda que apenas por 30 dias. Ocupou ainda os cargos de inspetor da tesouraria da província do Rio de Janeiro, conselheiro do Império e tesoureiro-geral da fazenda nacional, até que foi nomeado pelo ministro Rodrigues Torres para o cargo de diretor do Banco do Brasil, função que exerceu até sua morte em 1855. Sua atuação sobre a vida de Gonçalves Dias será decisiva desde o início da amizade, já que foi ele o responsável por incentivar os amigos a concederem bolsa ao “esperançoso menino do Maranhão” que vira sua mesada suspensa pela madrasta, quando a província do Maranhão foi afetada pelos eventos da Balaiada.

⁵ Trata-se de Pedro Nunes Leal, um dos amigos maranhenses de Gonçalves Dias primo de Alexandre Teófilo de Carvalho Leal e Antonio Henriques Leal. Pedro Nunes era usineiro e chegou a trabalhar como promotor público; entre suas atividades certamente se destacam a criação do *Instituto de Humanidades* da província e a participação na *Associação Literária Maranhense*, ao lado de Teófilo, Gonçalves Dias, Antonio Rego, José Joaquim F. Vale e Antonio Henriques, associação essa de que era presidente Vieira da Silva, o autor da *História da Independência do Maranhão*.

A repercussão do artigo de Alexandre Herculano nos jornais do império foi imediata e pesou decisivamente para a visibilidade e dizibilidade do cantor timbirense e de sua utilização pelo império brasileiro dentro do projeto criador da nação. (BORRALHO, 2009, p. 208)

Receber uma declaração de independência literária das mãos de um dos mais aclamados homens de letras da antiga metrópole, num momento em que a nação se construía e se consolidava politicamente, certamente a revestia de um aspecto mais do que simbólico, pois era também político. Com a exaltação de Gonçalves Dias feita por Herculano, o Império Brasileiro não era mais independente apenas politicamente, ganhara o aval para ser autônomo em sua literatura e história, e não seriam justamente essas duas esferas entre as principais responsáveis pela construção da nação?

E se, como havia afirmado Ernest Renan, “A nação é uma alma, um princípio espiritual” (RENAN, 1997, p. 39), formado pela posse comum de um rico legado de lembranças e pelo desejo de viver juntos, e também, “(...) o resultado de um longo passado de esforços, de sacrifícios e de devoções” (IBIDEM), era preciso então que nesse processo onde se configuravam os projetos de construção da nação, houvesse algo que fosse capaz de organizar (ou mesmo criar) esse rico legado de lembranças para então homogeneizar o território tão vasto e com características tão diversas. A literatura exerceu essa função e Gonçalves Dias foi, nos projetos de construção da nação brasileira, elo ativo, como modelo a ser seguido e como nome atuante. Sua literatura, marcada pela exaltação da natureza, do indígena, enfim daquilo que estava sendo definido como nossa *cor local*, no conjunto das nações civilizadas, serviu, sobremaneira, para definir a nascente identidade do *brasileiro*.

Geraldo Mârtires Coelho particularizando essa relação, afirma que o indianismo, romântico em seu aspecto estético e nacionalista em seu lado político, formulou as sínteses retóricas e literárias essenciais sobre as quais deveria repousar o monumento simbólico representado pela idéia de nação brasileira, produzindo uma justificação histórica e uma tradição para essa nação. Em suas palavras, “extrapolando os espaços semânticos do artefato literário como tal, o indianismo será, essencialmente, um produto ideológico eficiente e universalizante para o processo construtivo da mitologia da Nação brasileira” (COELHO, 2003, p. 282).

Esse processo constitutivo esteve, de fato, centralizado no Rio de Janeiro e Capistrano de Abreu chegou mesmo a afirmar que “se não foi aqui que primeiro se concebeu a idéia de uma nação, aqui pelo menos se realizou este sonho que bem de perto esteve de esvair-se como sonho” (ABREU apud MATTOS, 2005, p.10), e Gonçalves Dias ao procurar a corte para

fazer seu nome, para tornar-se o maior poeta do Brasil, acabou por se tornar também construtor desta nacionalidade, servindo a um determinado projeto de identidade nacional.

A realização de seu projeto fora, afinal, imediata. Tornara-se o “Primeiro Poeta do Brasil” já com seus *Primeiros Cantos* e sua fama de poeta lírico jamais foi superada, mesmo com uma carreira breve na poesia, de pouco mais de uma década, finalizada com a publicação dos *Cantos*⁶ em 1857. Mas seu projeto, seus poemas, sua literatura, talvez de pouco tivesse lhe servido se suas relações sociais não tivessem agido tão decisivamente em sua “divulgação” inicial e mais, se seu projeto pessoal não servisse aos projetos de criação da identidade nacional, a tal ponto de que sua obra e sua memória fossem incorporados definitivamente como marcos fundadores da identidade brasileira.

Como aponta Maria Helena Rouanet, os versos da *Canção do Exílio* “Nosso céu tem mais estrelas,/ Nossas várzeas têm mais flores,/ Nossos bosques têm mais vida,/ Nossas vidas mais amores” foram tão eficazes em proclamar a diferença entre o eu e o outro, o nacional e o estrangeiro – a polaridade norteadora da construção de identidade (nacionalidade) no romantismo – que além de serem reproduzidos por vários outros poetas românticos, acabaram se institucionalizando de vez na letra do Hino Nacional (ROUANET, 1999. p. 22-23).

Nesse sentido, Gonçalves Dias pode ser chamado, tomando de empréstimo as expressões de Ilmar Mattos (MATTOS, 2005), *construtor* e também *herdeiro* dos projetos de construção da identidade nacional. Construtor, por ter atuado nesses projetos como homem de letras, ajudando em especial a construir a idéia de uma nacionalidade vinculada à natureza e aos índios; e herdeiro porque atuando nestes projetos foi influenciado e “usado” por eles, sendo, além disso, herdeiro do próprio projeto de emancipação política, ainda que filho de alguém que havia resistido a ele⁷.

Referências

- BANDEIRA, Manuel. **Poesia e vida de Gonçalves Dias**. São Paulo: Editora das Américas, 1962.
- BORRALHO, José Henrique de P. **A Athenas equinocial**: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. 2009. Tese (doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- COELHO, Geraldo Mártires. Onde fica a corte do senhor imperador? In: JANCSÓ, István (org.). **Brasil**: formação do estado e da nação. São Paulo: FAPESP, 2003.

⁶ Obra que reunia os poemas publicados nos *Primeiros* (1846), *Segundos* (1848) e *Últimos Cantos* (1851).

⁷ O pai de Gonçalves Dias, João Manuel Gonçalves Dias, foi um dos comerciantes portugueses residentes no Maranhão que resistiram à proclamação da Independência do Brasil em 1822.

CORRESPONDENCIA ativa de Gonçalves Dias. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 84, 1964. (impressão de 1971).

CORRESPONDENCIA passiva de Gonçalves Dias. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 91, 1971.

DIAS, A. Gonçalves. **Poesia e prosa completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

DIAS, A. **Obras póstumas de a. Gonçalves Dias**. São Luiz do Maranhão: Belarmino de Mattos, 1868. v. 1.

DIAS, A. **Gonçalves Dias na Amazônia**: relatórios e diário da viagem ao rio negro: introdução de Josué Montello. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

DOLHNIKOFF, Miriam. Elites regionais e a construção do Estado Nacional. In: JANCSÓ, István (org.). **Brasil: formação do estado e da nação**. São Paulo: FAPESP, 2003.

FARIA, Andréa Camila de. **Gonçalves Dias na Amazônia**: o olhar de um romântico. Trabalho de Conclusão de curso – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

FARIA, Andréa Camila de. **O santo comércio da amizade: política, literatura e sociabilidade na trajetória de Gonçalves Dias**. Orientadora: Marcia de Almeida Gonçalves. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, A. de C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. **Em terreno movediço**: biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org). In: _____. **O Brasil imperial 1831-1889**. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org). **Memória e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GONTIJO, Rebeca. Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, A. de C. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n.388, jul./set. 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988.

HERCULANO, Alexandre. Futuro literário de Portugal e do Brasil. In: DIAS, A. Gonçalves. *Poesia e prosa completas*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

KODAMA, Kaori. O tupi e o sabiá: Gonçalves Dias e a etnografia do IHGB em Brasil e Oceania. *Fênix*. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 03 jun. 2007.

LAJOLO, Marisa. O preço da leitura: Gonçalves Dias e a profissionalização de um escritor brasileiro oitocentista. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. São Paulo, SP: FAPESP, 2005.

LEAL, Antônio Henriques. *Pantheon maranhense*: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos, t.1. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987.

LIMA, Hildebrando de (Org.). *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A. sd.

MACEDO, Joaquim Manuel de. Gonçalves Dias. In: _____. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1876.

MACEDO, Joaquim Manuel de. Discurso. *RIHGB*, Rio de Janeiro, t.27, 1864.

MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu território. In: JANCSÓ, István (org.). *Brasil: formação do estado e da nação*. São Paulo: FAPESP, 2003.

MARQUES, Wilton José. O poeta e o poder: favores e afrontas. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.32, 2003.

MARQUES, Wilton José. *Gonçalves Dias*: o poeta na contramão literatura e escravidão no romantismo brasileiro. São Paulo: EdUFSCar, 2010.

MATTOS, Ilmar R. *O tempo Saquarema*: a formação do estado imperial. São Paulo: Hucitec, 2004.

MATTOS, Ilmar R. Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política. *Almanack Braziliense*. Nº 1, maio 2005. Disponível em: <http://www.almanack.usp.br/neste_numero/n01/index.asp?tipo=forum&edicao=1&conteudo=1>. Acesso em: 10 out. 2008.

MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Gonçalves Dias e a crítica portuguesa no século XIX*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Européias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

MOREL, Marco. Restaurar, fracionar e regenerar a nação: o partido caramuru nos anos de 1830. In: JANCSÓ, István (Org.). *Brasil: formação do estado e da nação*. São Paulo: Fapesp, 2003.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820-1840*. São Paulo: HUCITEC, 2005.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? ROUANET, Maria Helena (Org.). Nacionalidade em Questão. *Cadernos da Pós/Letras*, n.19, 1997.

ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. In: JOBIM, José Luís (org.). *Introdução ao romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.SILVA, Maria Odila. A interiorização da metrópole (1808-1853). In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822: dimensões*. Editora Perspectiva, 1986.

SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, 1994. v. 2.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.